

BORDANDO TECIDOS E MEMÓRIAS: UMA ETNOGRAFIA DAS BORDADEIRAS DO MUNICÍPIO DE CAICÓ-RN

Adrianna Paula de Medeiros Araújo
Departamento de Antropologia - UFRN

Resumo

As bordadeiras de Caicó-RN, desde o final do século XVIII, vêm desenvolvendo a prática dos bordados e, com o passar dos anos, esses bordados foram ganhando relevância no contexto do município, em seus aspectos social, econômico e cultural. Esta etnografia objetiva mostrar, através das memórias das bordadeiras, a trajetória trilhada por essas mulheres, desde o início da prática dos bordados até os dias atuais, passando de uma prática de cunho estritamente familiar até tornar-se, atualmente, uma prática com forte inclinação comercial. Os bordados ganham destaque no setor artesanal do Nordeste, diante da intensa procura pelo produto, principalmente nas feiras de artesanato, propícias para sua divulgação e comercialização. Os “Bordados de Caicó”, assim como são conhecidos, fazem parte, antes de tudo, da história e da cultura do local, carregando consigo elementos atemporais.

Palavras-chave: Etnografia. Bordadeiras. Memória. Caicó-RN

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa visa mostrar a prática das bordadeiras do município de Caicó, que há séculos vêm cultivando e mantendo a tradição artesanal no local e que acabou por transformá-lo em um dos símbolos identitários do município. Através do discurso das bordadeiras, mostrou-se o caminho trilhado por essas mulheres até os dias atuais e como o bordado se torna o eixo organizador da vida de algumas delas. Conhecidos como os “bordados de Caicó”, o bordado produzido pelas bordadeiras caicoenses ganha nome e espaço tanto a nível regional quanto nacional, pela sua beleza e/ou qualidade. O bordado de Caicó faz parte da cultura e da história do local, tendo um papel importante no município, seja no âmbito social, econômico ou cultural.

Foi proposto, nessa pesquisa, fazer um estudo da trajetória do bordado no município de Caicó e, para isso, foi realizado um estudo etnográfico a partir das narrativas e memórias das próprias bordadeiras do local. Através de suas próprias narrativas e memórias destaquei alguns elementos que estão presentes na maioria da fala das bordadeiras entrevistadas. São fios de memórias de várias meadas para reconstruir a

história narrada pelas próprias bordadeiras. Pretende-se, com esta pesquisa, compreender a trajetória das mulheres bordadeiras no município de Caicó e, de acordo com a memória das mesmas, fazer uma análise comparativa do modo como a prática do bordado era desenvolvida em seus primórdios e, como esta, está sendo desenvolvida na atualidade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O procedimento metodológico que caminhou junto a essa pesquisa foi a observação participante, uma vez que a investigação necessitou de minha presença naquele local e de minha vivência juntamente à prática do bordado e suas produtoras, as bordadeiras. Destaco aqui, a importância de participar para observar e observar para participar (GUBER, 2001).

Destacamos alguns elementos que estão presentes nas narrativas e memórias das bordadeiras entrevistadas, e, a partir desse ponto, buscou-se desenvolver esse estudo. BOAS fala da importância da etnografia para a antropologia e diz que o objetivo de produzir material etnográfico é que este mostra o modo pelo qual pensa, fala e atua os sujeitos investigados, segundo suas próprias palavras (BOAS, 2008).

Em uma pesquisa, o antropólogo estará fazendo uma interpretação de interpretações já feitas anteriormente pelas próprias pessoas pesquisadas, ou seja, estamos estudando as construções sociais. De acordo com Geertz (1973), os “textos” antropológicos são interpretações sobre as interpretações nativas, uma vez que esses nativos interpretam sua própria experiência, esses “textos” também são construídos. Nas palavras de Goldenberg (1999), ela nos explica a abordagem interpretativa de Geertz:

Geertz propõe um modelo de análise cultural hermenêutico onde o antropólogo deve fazer uma descrição em profundidade - “descrição densa” - das culturas como “textos” vividos, como “teias de significados”, que devem ser interpretados (GOLDENBERG, 1999, p.23).

CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA DE CAMPO: Caicó

O município de Caicó tem uma população de aproximadamente 60 mil habitantes. Situada em uma área de 1.229 Km², representando 2.327% do Estado do Rio Grande do Norte e localiza-se a 269 Km de distância da capital Natal (IDEMA, 2009).

No município de Caicó, no Rio Grande do Norte, uma prática bastante cultivada é o artesanato e, o bordado se destaca nesse aspecto. Conhecido como os “bordados de Caicó”, o bordado produzido pelas bordadeiras caicoenses ganham nome e espaço tanto a nível regional quanto nacional, seja pela sua beleza e/ou qualidade. O bordado de Caicó faz parte da cultura e da história do local, tendo um papel importante no município no âmbito social, econômico ou cultural.

TRAJETÓRIA DAS BORDADEIRAS

O bordado é uma prática bastante cultivada no município de Caicó. Começou a ser desenvolvida no final do século XVIII e até hoje, gradativamente, é bastante difundida (BATISTA, 1988, p.21). Centenas de mulheres bordam e retiram do mesmo, o sustento de sua casa e de sua família. Essas mulheres se percebem e se identificam de diversas maneiras: se vêem como produtoras de arte, empreendedoras, micro-empresárias e, antes de qualquer outra denominação, bordadeiras. O bordado faz parte, antes de tudo, da história e da cultura do local, carregando consigo elementos atemporais.

O bordado não acaba em si mesmo, no processo final de sua fabricação. Está ligado a ele uma imensidão de elementos que vai desde a construção de uma cultura local ao resgate histórico do modo de vida no comportamento feminino. Vai desde uma rede de narrativas distintas e tão singulares entre si; a uma atividade lucrativa e geradora de renda individual e que, acaba sendo refletidos na economia local.

A importância do bordado no contexto social é refletida, principalmente, na dimensão econômica, visto que é uma fonte de renda para algumas famílias e que move fortemente o comércio local. Muitas pessoas por não obterem emprego em outros setores, vêm na prática do bordado uma oportunidade de ganhar dinheiro. Percebemos isso em praticamente todas as falas das bordadeiras nas quais tivemos contato.

No que diz respeito ao âmbito cultural, a importância do bordado de Caicó é visto como um emblema identitário da cidade, trazendo consigo elementos da cultura local. O bordado acaba fazendo também um resgate da história das mulheres que exerciam essa prática, seja no contexto familiar, como outrora era destacado, seja no contexto comercial em que o bordado foi se caracterizando com o passar dos anos.

O bordado também está ligado a uma noção de pertencimento ao município, de identidade. Quando o produto é levado para ser comercializado em outros locais, seja a nível nacional ou internacional, ele chega com o título de “bordados de Caicó”, como sendo sinônimo de qualidade e envolto por valores culturais relativos ao seu local de origem.

No âmbito econômico, a atividade do bordado gera lucro para as famílias das bordadeiras e move, com isso, a economia local. O exemplo acima citado é apenas um dentre tantos casos de famílias que sustentam a casa com a renda adquirida através dos bordados. O setor informal de comercialização dos bordados contribui para o desenvolvimento do comércio local.

Pensar na trajetória das bordadeiras de Caicó é pensar na trajetória que essas mulheres trilharam e desde o bordado como prática estritamente familiar e, atualmente, tal prática voltada para o comércio, como é frequentemente percebido no discurso das bordadeiras. No início, o bordado era usado apenas como objeto de ornamentação do lar e para presentear a família. Passado de geração para geração, o bordado era ensinado às mulheres com a finalidade de, além de saber desenvolver uma arte em si, preparar a mulher para produzir o enxoval de seu casamento e, também tinha a questão da valorização da mulher, pois esta seria mais bem vista perante a sociedade caso fosse prendada.

Podemos trilhar a trajetória das bordadeiras, tendo como base as narrativas e as memórias dos atores sociais envolvidos, ou seja, as bordadeiras. Segundo Halbwachs, a memória coletiva “é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de superficial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (HALBWACHS, 2006, p.102).

TRANSMISSÃO DO BORDADO: ontem e hoje

A prática do bordado foi introduzida pelas mulheres portuguesas na região do Seridó, em especial no município de Caicó, pelas mulheres dos colonizadores portugueses. Essa prática circundava a esfera familiar e depois passou a ser desenvolvida com fins lucrativos. Atualmente, o bordado é um dos principais elementos que impulsiona a engrenagem do comércio local, passando a ser, desse modo, uma peça importante para a economia do município.

Mas, afinal, como o conhecimento da arte do bordado foi sendo transmitido de geração para geração? Inicialmente, o bordado era ensinado às filhas, às sobrinhas, às netas; enfim, a matriarca da família, mãe, tia ou avó era incumbida de repassar seus conhecimentos. Mesmo porque se a moça era prendada, significava que tivera uma boa educação em casa; logo, a família também acabava por receber os elogios que eram destinados à jovem.

Para fazer um paralelo entre o ontem e o hoje no que diz respeito a transmissão da prática dos bordados, recorreremos às histórias que habitam a memória das bordadeiras. Desse modo, reconstruímos sua trajetória através do que elas tem para nos contar.

A bordadeira Iracema Batista, de cinquenta e oito anos de idade, relembra um pouco esse contexto inicial da prática dos bordados e como este acabou se tornando símbolo do município de Caicó:

Inicialmente, elas bordavam para ornamentar o lar e depois para família. Começaram a incentivar esse trabalho para as filhas. Naquela época, para uma jovem arranjar um casamento ela tinha que ter uma prenda, tinha que serem prendadas: costurar e bordar. No início, o bordado era só de cunho familiar. Inclusive, nós temos aqui bordadeiras mais antigas e elas falavam muito que para uma moça se casar, arranjar um bom marido tinha que saber bordar, costurar e, esse trabalho ele foi se expandindo através do conhecimento de outras pessoas, foram se transformando em um produto para caracterizar o artesanato aqui de Caicó. (Informação verbal).

É dentro desse contexto familiar em que os bordados estiveram inicialmente inseridos que podemos pensar a questão de gênero, uma vez que essas mulheres tinham que saber desenvolver algum ofício, tinham que ser prendadas e o bordado exercia esse

papel de “valorização” da mulher. Falo de mulheres bordadeiras, pois em sua grande maioria, para não dizer em sua totalidade, essa prática é desenvolvida apenas por mulheres. No início, os bordados eram confeccionados e presenteados a outras mulheres, porém atualmente, o bordado não é apenas visto como uma prática de valorização feminina ou como artesanato, mais do que isso, é visto como uma atividade que gera renda e subsídios às famílias dessas bordadeiras.

Com o passar dos anos, a arte de bordar foi tornando-se mais conhecida e praticada. Não era apenas uma minoria das mulheres com o poder aquisitivo maior que bordavam. Gradativamente o bordado foi se popularizando. A prática não se restringia apenas ao círculo das mulheres de uma mesma família, com o tempo, essas redes iam se estendendo, eram socializados nas rodas de amigas de qualquer nível sócio-econômico.

Na década de 40, o bordado já não ficava restrito ao círculo familiar, existiam grupos de bordadeiras, devidamente treinadas e qualificadas para atender uma demanda crescente que dava início a comercialização do bordado. Muitas mulheres interessavam-se em aprender o ofício de bordar no intuito de trabalharem para ganhar dinheiro. Familiares, vizinhas, amigas, sempre havia uma pessoa interessada em aprender e, outra, disposta a ensinar a arte.

Logo, foi aumentando a procura pelo bordado, bem como o número de bordadeiras. Mesmo assim, com a crescente expansão do artesanato, a demanda pela procura do bordado era grande, exigindo desse modo, uma maior produção. O bordado que até então era feito à mão, sendo usados para isso, fora a linha e o tecido, uma agulha e um bastidor, não supria a necessidade emergente.

Nesta época, por volta dos anos 40, chegaram os representantes da Cia. Singer¹ no município de Caicó, empresa conhecida mundialmente na fabricação de máquinas de costura. Com sua vinda, a empresa promoveu gratuitamente cursos de bordados à máquina. Tais cursos foram oferecidos com o intuito de estimularem a prática do bordado, que antes eram feitos à mão, para serem confeccionados na máquina de costura.

¹ Em 1858, foi aberta, no Rio de Janeiro, a primeira filial da Cia. Singer. Em 1888, através de um decreto, foram abertas outras filiais em outros locais do território brasileiro: Niterói, Campos, São Paulo, Salvador, Recife e Pelotas. (Companhia Singer do Brasil, 2009).

Com a implantação da empresa Singer no comércio, iniciaram-se as vendas na cidade a crédito próprio. Quem quisesse adquirir uma máquina de costura e não tivesse condições financeiras para pagar à vista, poderia parcelar o valor do produto com acréscimo de pequenos juros. Essa era a oportunidade ideal para juntar as duas necessidades: um mercado consumidor à procura de bordados mais o aumento da produtividade.

O processo de feitura do bordado foi mudando e com ele novas práticas foram surgindo. O bordado feito à mão foi substituído pelo bordado à máquina simples ou pedalada, assim como é conhecida, posteriormente, também foi substituída, dessa vez, pela máquina industrial. A mudança e/ou substituição no maquinário, não quer dizer, necessariamente, que uma prática tenha extinguido a outra, mas que implicou na redução de sua prática.

Desse modo, o bordado feito à mão foi aos poucos se descaracterizando, perdendo espaço para o novo seguimento que estava surgindo: os bordados feitos na máquina de costura. Agora, podiam-se bordar mais peças em menos tempo. Percebemos aqui que uma nova fase do bordado se inicia: o que antes tinha o caráter estritamente familiar, passa a ser feito sob encomenda, dando início o que chamaremos de o “comércio dos bordados”, assim como o vemos atualmente.

Algumas mudanças foram sendo percebidas no processo de feitura do bordado, não só com a introdução da máquina, mas também com a mudança de outras funções que foram aparecendo. Agora não existia apenas a bordadeira responsável por todo o bordado, existia a riscadeira, responsável por fazer a arte do bordado, seu desenho; a bordadeira que fazia o bordado, propriamente dito, a lavadeira e a passadeira que, como o próprio nome diz, eram responsáveis, respectivamente, por lavar a peça e a outra, engomá-la.

Com o passar dos anos, o número de bordadeiras cresceu e novas necessidades foram aparecendo, como por exemplo, a necessidade de criação de instituições que possam articular e organizar essas bordadeiras. Muitas são as instituições que estão ligadas a esse universo artesanal. Algumas instituições mediadoras foram identificadas tais como a Escola Profissional Júlia Medeiros; a criação de uma associação, a Associação das Bordadeiras do Seridó; a criação da Cooperativa de Produção Artesanal do Seridó; a criação do Comitê Regional das Associações e Cooperativas de Artesanato

do Seridó – CRACAS, essa mais abrangente, uma vez que abarca não só as instituições acima citadas, como também outras associações de artesanato da região do Seridó. Outra instituição que ganha destaque nesse contexto é o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Norte – SEBRAE, há dez anos que o SEBRAE apóia as bordadeiras promovendo cursos de capacitação e incentivos frente à comercialização desses produtos.

Percebemos que o caráter inicial da prática do bordado que antes girava em torno da família, vai se modificando com o passar do tempo e dá lugar a uma esfera comercial. O bordado deixou de ser visto como elemento de valorização da mulher, a moça prendada cujo estava apta a preparar seu próprio enxoval, passou a ser percebida em seu âmbito emancipador, além de dona de casa, artista, agora era reconhecida em seu ofício de bordadeira.

Essa relação no âmbito familiar aos poucos foi se descaracterizando. Foram aparecendo novas relações decorrentes dos aspectos mercadológicos em que o bordado ia se transformando. Com a procura por encomendas, muitas bordadeiras só trabalhavam com o intuito da remuneração em si, os bordados por prazer ou para a confecção das peças para seu lar foram ficando em segundo plano. Porém, a dimensão do bordado não se limita apenas a esses aspectos comerciais.

Atualmente, a prática do bordado é exercida com destaque no município de Caicó. Não ficou só na esfera familiar ou no artesanato em seu sentido de produção cultural. Agora as bordadeiras se reconhecem como capazes de ganhar dinheiro com sua produção, a comercialização dos bordados deu um forte impulso na economia local e contribuiu para o desenvolvimento do setor informal no município. Muitas das bordadeiras tem essa consciência empreendedora, enquanto outras ainda vêem no bordado um papel bastante secundário.

As bordadeiras de Caicó atendem a um público que consome mais do que os bordados propriamente ditos, eles consomem também a cultura e a identidade que vem agregada ao produto. Em um mundo onde a padronização resultante da globalização ameaça a individualidade e a diversidade cultural, os produtos artesanais carregam consigo traços de sua cultura, onde elementos como a identidade passa a ser um valor conquistado.

Segundo Gueertz (1983), a cultura é a própria condição de existência dos seres humanos, produto das ações por um processo contínuo, através do qual os indivíduos dão sentido e significado à suas ações. A cultura é um processo dinâmico e de relações simbólicas que os homens tecem o tempo todo. Nós, pesquisadores, temos a missão de interpretar as “teias de significados” que essas culturas possuem.

O conceito de cultura que eu defendo é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GUEERTZ, 1973, p.15).

Atualmente, percebemos traços que se mantiveram diante de todo esse processo de mudanças. Como por exemplo, o fato de muitas jovens aprenderem a bordar com suas mães ou com pessoas mais próximas como familiares, vizinhas ou amigos próximos da família, muitas vezes sem o intuito da comercialização, mas pelo simples fato de dar continuidade a arte dos bordados, mantendo viva a tradição das bordadeiras caicoenses.

MERCADO E MEDIAÇÕES ENVOLVIDAS NA COMERCIALIZAÇÃO DO BORDADO

Por volta de 1940, o bordado deixou de ter circulação apenas no âmbito familiar e ganhou uma nova forma: seu caráter comercial. As mulheres não precisavam bordar seus próprios enxovais, agora elas podiam contar com a possibilidade de comprarem, ou seja, poderiam encomendar as peças a outras pessoas, precisando para isso, pagarem uma determinada quantia. A partir daí, deu início, de fato, a comercialização dos bordados.

Diante da expansão do bordado, de sua oferta e procura, aos poucos, o bordado de Caicó foi tornando-se conhecido e admirado em todo o Estado do Rio Grande do Norte, bem como em outras localidades do Brasil. Atualmente, o bordado caicoense já tem seu lugar de destaque no setor artesanal do Nordeste diante dessa intensa procura pelo produto, principalmente nas feiras artesanais promovidas pelo setor informal em grande parte do território brasileiro e, recentemente, no comércio exterior.

Frequentemente são realizados eventos com o objetivo de divulgar e comercializar o artesanato, como feiras e exposições organizadas por instituições ligadas ao segmento. Os artesãos expõem ao público seus produtos em estandes que são montados dentro das dependências de cada feira. Esses eventos, também é uma boa oportunidade para se fazerem contatos com pessoas de outras localidades que também trabalham no ramo. Esses contatos podem ser a nível profissional, no sentido da relação compra e venda do produto e/ou no sentido do conhecimento da produção artesanal de outras culturas.

As feiras de artesanato são eventos que estão presentes no cotidiano das bordadeiras de Caicó. Algumas bordadeiras expõem seus bordados em feiras realizadas no próprio município, em outras localidades vizinhas como também em outros Estados e até, recentemente, em outros países. Diante da articulação e da organização das instituições como o CRACAS e a Cooperativa das Bordadeiras e Artesãos do Seridó em promover essas feiras, a consciência das bordadeiras, aos poucos, está sendo despertada.

A FAMUSE – Feira de Artesanatos dos Municípios do Seridó é a maior feira realizada na região do Seridó. Nesse evento, os artesãos do município de Caicó e de municípios circunvizinhos expõem seus produtos. A organizadora da FAMUSE e coordenadora do CRACAS - Comitê Regional das Associações e Cooperativas de Artesanato, Arlete Silva, diz que a realização da feira contribui em vários aspectos, dentre eles econômico e social, para o desenvolvimento do município de Caicó. Em entrevista concedida em julho de 2008², durante a FAMUSE, Arlete fala:

A FAMUSE acontece há 25 anos. Ela nasceu apenas com 50 barraquinhas e hoje, nós temos 96 estandes. Possui uma contribuição imensa na questão social, na questão econômica e também política. Social porque é um momento em que há uma integração do artesão de todo o Seridó, do Rio Grande do Norte e também de outros Estados, porque vamos nos encontrar e trocar idéias. Economicamente porque é a oportunidade que eles tem de fazer a divulgação de seus produtos e fazer a comercialização (Informação verbal).

Arlete Silva destaca a importância da realização da FAMUSE para o município, uma vez que é o momento onde os artesãos, de modo geral, têm

² Entrevista disponível no acervo do projeto “Religiosidade, Turismo e Cultura no Rio Grande do Norte”, coordenado pela Prof. Dra. Maria Lúcia Bastos Alves, do Departamento de Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

oportunidade de expor seus produtos. As bordadeiras compreendem um número significativo de estandes com os produtos expostos. O fato é que as feiras de artesanato são geradoras de renda, é uma ocasião propícia para se fazerem negócios e também para conhecer novas pessoas. Não é só o momento de conhecerem novos produtos, mas, sobretudo, novas culturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa nos mostrou a importância da prática do bordado para o município de Caicó. Sob a ótica das bordadeiras, conhecemos sua história desde os tempos em que as esposas dos colonizadores trouxeram consigo a arte dos bordados até os dias atuais, onde a prática ainda é fortemente desenvolvida.

Muitas são as histórias e as lembranças que as bordadeiras carregam consigo: são memórias de tempos em que começaram a bordar para tornarem-se “moças prendadas”, memória de tempos em que começaram a bordar diante das dificuldades financeiras. São recordações de quando suas mães as ensinavam a bordar, lembranças dos primeiros pontos bordados, da primeira máquina adquirida, do primeiro dinheiro conseguido com os bordados. São histórias singulares e tão particulares entre si, mas que, em determinado momento, acabam se entrelaçando. São histórias de mulheres que aprenderam a bordar, de mulheres “prendadas” que tornaram-se empreendedoras, são artistas, mulheres que ganham dinheiro com o que fazem, sobretudo, são reconhecidas por serem bordadeiras.

De modo geral, o objetivo maior dessa pesquisa foi mostrar a prática da atividade dos “bordados de Caicó”, através da memória e das palavras das próprias bordadeiras. A partir daí, foi reconstruído essa trajetória que fez com que o bordado se afirmasse como emblema identitário da cidade, trazendo consigo elementos da cultura local e ganhasse destaque também na geração de renda para o município.

REFERÊNCIAS

GUBER, Rosana. **La etnografía, método, campo y reflexividad**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2001.

BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GUEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades: Caicó**. Disponível em: <http://ibge.gov.br>. Acesso em: 07 set. 2009.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E MEIO AMBIENTE. **Municípios: Caicó**. Disponível em: <http://idema.rn.gov.br>. Acesso em: 02 set. 2009.

BATISTA, Iracema Nogueira. **O bordado artesanal de Caicó: as relações de produção**. Monografia (Especialização em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1988.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.